

AS METÁFORAS E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E IDEOLÓGICA NO LETRAMENTO DE ADULTOS NA EMPRESA

Elda Alves Oliveira Ivo
Universidade de Brasília - UnB

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa baseia-se na perspectiva de que as pessoas de diferentes grupos sociais, ao lidarem com as suas habilidades de leitura e de escrita, ou especificamente no estudo aqui realizado, com a falta delas, têm motivações para fazer as suas escolhas linguísticas, em determinadas situações sociais, pois “o discurso é uma forma de prática social mais do que uma atividade ou um reflexo de variáveis situacionais”, conforme Fairclough (1992a).

Acredito que a relevância dessa pesquisa está em provocar reflexões sobre o letramento e as questões ideológicas que permeiam a construção identitária, na perspectiva da Análise de Discurso Crítica, promovendo a investigação de novas posturas que signifiquem o repensar dos referenciais teóricos e metodológicos que norteiam os cursos de alfabetização de jovens e adultos.

Sob o arcabouço teórico do Letramento, da Análise de Discurso Crítica, das Ideologias, da Identidade e da Metáforas analiso e identifico, na produção textual, os significados utilizados para estabelecer e sustentar tais relações, na busca do entendimento sobre como as identidades dos alfabetizandos podem ser construídas discursivamente na constante organização e reorganização dos elementos e dos interesses do contexto e dos próprios alunos, com ênfase nas metáforas.

O LETRAMENTO E A ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA

Esta pesquisa baseia-se na Análise de Discurso Crítica, em sua vertente que considera a sociedade como um conjunto de grupos sociais definidos pelas formas de representação de mundo, que são formas de conhecimento, e portanto, cognição, o que faz com que haja a projeção de um ponto de vista que está sendo interpretado. Assim, as formas de cognição são formas de realização do mundo, as quais fazem as escolhas ideológicas de cada grupo, ou seja, nenhum discurso é neutro ou aleatório, todo discurso é ideológico. Aqui o termo discurso é empregado na acepção de Fairclough (2001) como texto mais contexto social mais contexto cultural.

É importante ressaltar que estudos da UNESCO¹ vêm indicando a preferência por se utilizar o termo no plural, associando-o à própria ampliação desse conceito, em decorrência de novos fatos, como a condição do que é realmente ser alfabetizado e a

¹ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

extensão da escolarização básica, o que tornou mais visível alguns aspectos e, por sua vez, gerou novas idéias e novas maneiras de compreender os fenômenos envolvidos.

Assim, tem-se que o termo Letramento está diretamente relacionado com a língua escrita e o seu lugar, as suas funções, os seus usos e as suas práticas nas sociedades letradas, que estão organizados em torno de um sistema de escrita e nas quais este assume importância central na vida das pessoas, em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem. Dessa forma, todos os que vivem em sociedades com escrita, inclusive os analfabetos, estão sob a influência das práticas de letramento.

No presente trabalho, o letramento é trabalhado na perspectiva da prática social e, portanto, associado às práticas discursivas. Assim, está ligado à noção de valor e de contexto, ou seja, é relacionado a uma prática de escrita e esta, por sua vez, liga-se ao contexto social, já que as diversas práticas discursivas estão condicionadas às práticas sociais.

Adoto aqui uma postura de entendimento de um letramento para além do texto escrito ou falado, que implica um processo de construção de sentidos, com base no que é produzido individual e socialmente. Entendo que, nesse sentido, o letramento é constituído por meio de práticas sociais e eventos de letramento, com destaque para o fato de que essas práticas são aspectos não apenas da cultura, mas das estruturas de poder em uma sociedade. Como o meu foco está voltado para a análise da produção textual, em contextos específicos, a visão de Barton (1994) atende à minha pesquisa porque o Letramento é considerado como prática social situada.

Outro aspecto a ser considerado é que, mesmo sendo comum acreditar que a escrita tem a finalidade de difundir idéias, em muitos casos, ela serve para assegurar as relações de poder e dominação que estão por trás da utilização do código escrito. Dessa forma, Heath (1983) afirma que “cada comunidade direciona o letramento de acordo com a cultura de seu grupo”, o que é ratificado por Vieira (2003) ao afirmar que, na concepção de Barton, o letramento não é um conhecimento adquirido de modo solitário e individual, mas o produto de práticas sociais de escrita de determinada cultura. Street (1995) também afirma que são diferentes práticas de letramento e não somente uma. Para ele, o letramento não é o equivalente à aquisição da escrita, há que se considerar também os letramentos sociais que surgem e se desenvolvem fora do contexto escolar. É preciso também considerar a natureza social e o caráter múltiplo das práticas de letramento, em diferentes manifestações, e, sobretudo, como eventos em que a escrita, a compreensão e a interação estão envolvidas e imbricadas.

Barton (1994) afirma que o letramento só pode ser compreendido à luz das práticas de letramento que as pessoas utilizam nos diferentes eventos de letramento. Nesse sentido, o letramento é situado histórica e socialmente, envolve práticas e eventos de letramento e auxilia o indivíduo na sua interação com outros membros da coletividade.

É necessário compreender que as práticas de letramento mudam conforme o contexto social porque estão associadas aos valores, às relações sociais estabelecidas e aos aspectos desse contexto. Elas representam as estruturas de poder vigentes na sociedade, são abstratas e têm um padrão, que reflete o caráter institucional e as relações estabelecidas nesse contexto.

De outro modo, os eventos de letramento constituem uma determinada atividade social, concreta, em que a escrita desempenha papel fundamental e, de acordo com Heath (1983, p. 386), esses eventos de letramento possuem regras de interação social responsáveis pelo tipo e pela quantidade de fala e de escrita sobre as quais se está

escrevendo. A noção de evento de letramento acentua a natureza situada do letramento, que sempre existe em um contexto social.

Assim, os eventos e as práticas estão inseridos nas experiências dos indivíduos e dos grupos aos quais pertencem e são condizentes com a participação e as estratégias interpretativas exigidas nesse contexto.

Destaca-se aqui a abordagem de Street (1984), em relação às práticas de uso da escrita da escola, que estabelece dois modelos de letramento. O modelo autônomo, que refere-se à autonomia da escrita, considerada aqui como um produto completo em si mesmo e independente do seu contexto de produção para ser interpretado e o modelo ideológico, também denominado modelo alternativo, em que todas as práticas são aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder em uma sociedade.

Diante do exposto, é importante destacar que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)², o Brasil possui 33 milhões de analfabetos funcionais – pessoas com menos de quatro anos de estudo – e 16 milhões de pessoas com mais de 15 anos ainda não alfabetizadas. Um dado relevante aponta que a taxa de analfabetismo é maior entre os mais velhos (34% têm mais de 60 anos) e também entre as pessoas com menor rendimento familiar (28% ganham até um salário mínimo).

A questão da existência de programas de alfabetização de jovens e adultos no Brasil, segundo Buarque (2004) é:

A prova do fracasso social do país, que, se tivesse uma política educacional para a alfabetização das crianças, não teria necessidade de programas para adultos. É também demonstração do fracasso da capacidade de execução de programas sociais do Estado brasileiro, que, apesar deles, não consegue resolver o problema. Mas é sobretudo prova de um enfoque equivocado, que busca assistir e não abolir, que pensa pela ótica econômica e não com preocupação ética.

Para o autor, essa visão economicista e assistencialista tem norteado as políticas públicas no que se refere aos programas de alfabetização. As iniciativas são tratadas como meio para aumentar a eficiência das pessoas e não como um direito de cada cidadão.

No enfoque da ADC considera-se que todo discurso deve ser correlacionado às intenções comunicativas e às motivações daqueles que o produziram. Além disso, todo discurso, ao ser produzido em seu contexto, é resultado de uma relação crítica entre o meio social e a linguagem. Em decorrência disso, e ainda, em consonância com os objetivos desta pesquisa, adoto o ponto de vista crítico.

Pedro (1998) considera o foco de trabalho da ADC na compreensão de textos socialmente situados, e nesse sentido, o seu pensamento coaduna-se com o de van Dijk(1997), que entre os critérios que ele apresenta como característicos da ADC, destacam-se o estudo de aspectos ideológicos e de seu papel na reprodução da dominação, da desigualdade e da resistência que ocorrem no discurso ou são legitimadas por ele.

² www.portal.mec.gov.br

Chouliaraki & Fairclough (1999) consideram a modernidade tardia e assinalam que, na sociedade contemporânea, essa perspectiva envolve uma série de mudanças que atingem a sociedade, daí a importância de uma perspectiva crítica da linguagem. Estudos mais recentes de Fairclough (2006) ampliam o quadro teórico das funções analíticas dos textos (1992a) e assinalam a linguagem como parte inerente à vida social. O autor afirma (2003, p.7) que os textos, como elementos de eventos sociais, têm efeitos causais, produzem mudanças e são mediados por produção de sentido, portanto, a análise desses textos é essencial para a ADC.

UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

A questão da identidade tem sido amplamente discutida à luz dos processos de transformação pelos quais passa a sociedade contemporânea, e ainda, em consonância com os significados fundamentais aos sujeitos que pertencem a esta sociedade, nela vivem e interagem, e, principalmente, fazem uso da linguagem em suas múltiplas formas. A compreensão de quem somos no mundo social tem despertado o interesse de muitos estudiosos de diferentes áreas e tem sido motivo de preocupação. Em uma sociedade de multiplicidades e em constante mudança, estamos cada vez mais expostos às exigências contemporâneas, em sua pluralidade. Lopes (2002, p. 14) afirma:

Essas percepções têm alterado como nunca a concepção homogênea da identidade social e têm levado a nos entendermos como heterogêneos e, ao mesmo tempo, fragmentados, e construídos em práticas discursivas situadas na história, na cultura e na instituição.

Woodward (1997), ao analisar o conceito de identidade, afirma que ele somente poderá ser compreendido se examinarmos a maneira como as identidades são formadas e os processos que estão envolvidos na situação. E ela afirma ainda que esses aspectos são relevantes porque os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares de onde os indivíduos podem se posicionar e com base no que podem falar. E argumenta:

Pode-se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade. (Woodward, 1997, p. 98)

Neste processo cultural e na construção das suas significações, construímos e (re)construímos a nossa identidade, sob a influência e à luz da experiência do mundo social, das suas relações, das suas desigualdades e dos diferentes grupos culturais com os quais convivemos.

Dessa forma, Hall (2005), ao abordar o assunto, afirma que o sujeito pós-moderno tem a sua identidade, antes unificada e estável, agora fragmentada. Desse modo, temos o sujeito cuja identidade não é fixa, essencial ou permanente. Ela é resultante das formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, em outras palavras, é definida culturalmente. Os diferentes modos de viver em sociedade, as necessidades e as peculiaridades das mudanças impostas nas práticas cotidianas, as quais fizeram surgir novos estilos, outros costumes de vida e formas de organização social, são enfatizados pelo autor como um grande questionamento, que de várias maneiras alterou a compreensão dos indivíduos quanto a aspectos fundamentais da vida social contemporânea.

Retomando mais uma vez a questão do interesse pelo estudo das identidades sociais, acredito que ele é realmente resultado de um novo contexto de significados, que advém das grandes transformações e exigências da vida contemporânea, com suas características únicas em decorrência de mudanças sociais, políticas, culturais e tecnológicas. Isso pode também ser confirmado pelas palavras de Woodward (1997), ao afirmar que esse interesse se prende ao fato de o conceito de identidade ser um construto central na compreensão das mudanças sociais, políticas, tecnológicas, culturais e econômicas, e ainda verificado nesta seção, nas palavras de Lopes (*op. cit.*), entre outros.

Giddens (2002), ao tratar das mudanças do mundo moderno, cita o “fenômeno” da modernidade e emprega o termo referindo-se às instituições e aos modos de comportamento estabelecidos na Europa pós-feudalismo, com impacto mundial no século XX. Na sua concepção, a “modernidade” ora se refere às relações sociais implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção, constituindo assim um dos eixos institucionais da modernidade, ora é entendida na dimensão do capitalismo e de seus mercados competitivos de produtos e da mercantilização da força de trabalho.

Entre as características da modernidade, Giddens (*op. cit.*, p.22) ressalta a ascensão da organização e afirma:

Em vários aspectos fundamentais, as instituições modernas apresentam certas discontinuidades com as culturas e modos de vida pré-modernos. Uma das características mais óbvias que separa a era moderna de qualquer período anterior é seu extremo dinamismo. O mundo moderno é um “mundo em disparada”: não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores.

A modernidade faz surgir a necessidade de uma nova postura e de novos comportamentos, o que resultou em mudanças do sujeito frente às rupturas e fragmentações provocadas pela modernidade. A sociedade reflete as divisões e os antagonismos sociais, e em decorrência disso o sujeito assume diferentes posições, que constituirão diferentes identidades.

De acordo com Bauman (1999), ao tratar das consequências humanas e sociais do processo globalizante, os usos do tempo e do espaço são diferenciados e diferenciadores, pois a globalização divide ao mesmo tempo que une. Isso exige do

indivíduo uma capacidade de estar em movimento e de adaptar-se às situações emergentes dos diferentes contextos. O autor enfatiza que estar em movimento tem significados muito diferentes em função da posição desses indivíduos na sociedade, pois a hierarquia faz com que os impactos sejam diferentes e que reflitam no significado de mobilidade.

Nesse contexto, a identidade deixa de ser vista em sua homogeneidade e as pessoas passam a ser vistas em sua heterogeneidade, um conceito plural, que implica uma identidade multifacetada.

A concepção de linguagem como discurso é também fundamental para que se compreenda o grande interesse pelas questões que envolvem a identidade, no campo dos estudos lingüísticos. Ao afirmar que a matéria lingüística é uma parte do enunciado, e que é necessário considerar a parte que corresponde ao contexto de enunciação, Bakhtin (2000) preconizou que a língua é um fato social, e, portanto, reconhece a relevância da situação de enunciação para a linguagem.

Para Fairclough (1992a), os discursos não somente refletem ou representam as entidades e relações sociais, mas também eles as constroem ou as constituem. Estamos constantemente construindo o mundo, os seus significados e nós mesmos, por meio dos discursos.

Assim, o mesmo contexto que torna a língua possível é ainda o mesmo contexto que possibilita ao indivíduo ser ele mesmo, e o capacita a usar a língua de acordo com aquilo que deseja expressar.

Ao abordar a identidade e a diferença como criações da linguagem, Silva (2005, p. 76) entende que resultam de uma criação lingüística e, portanto, são criadas lingüisticamente por nós, em nossas relações culturais e sociais. Para ele “a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas”.

Outro ponto importante refere-se à diferença que também é concebida como independente e, em oposição à identidade, é aquilo que o outro é. Dessa forma, fica evidente que a identidade existe e faz sentido em relação de dependência com a diferença, o que significa que ambas funcionam em um contexto de significados e suas relações.

Portanto, como resultados de atos de criação lingüística, identidade e diferença precisam ser compreendidas no interior dos sistemas de significação vigentes na cultura e nos sistemas simbólicos que deram origem a esses sentidos. Para o autor, é importante assinalar que identidade e diferença culturais estão também relacionadas à indeterminação e à instabilidade da linguagem, pois fazem parte de um processo de produção simbólica e discursiva.

Ser alfabetizado em uma sociedade “letrada” é a identidade normal, desejável, adequada, e, portanto, ser analfabeto nessa sociedade tem todos os aspectos negativos em oposição ao modelo ideal estabelecido.

Dessa forma, na visão bakhtiniana de linguagem em que a presença das vozes na interlocução é uma realidade, a análise do significado como construção social envolve alteridade e contexto. A manifestação do outro interfere na percepção que temos de nós mesmos e dos outros, e na maneira como construímos os significados, o que é efetivamente construído por meio das nossas práticas discursivas. Essas práticas, por sua vez, são realizadas em uma realidade resultante da nossa própria interpretação, ou seja, tudo isso acontece por meio de ações dos participantes em suas condições sociais e históricas no mundo.

Fairclough (1992a, p. 230), ao abordar a nossa condição de produtores ou intérpretes de textos destaca que a relação das palavras com os significados é múltipla e que, sobretudo, na condição de produtores de textos, precisamos fazer escolhas entre as palavras e os significados que pretendemos expressar. Ele afirma:

Essas escolhas e decisões não são de natureza puramente individual: os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais e culturais mais amplos.

Para o autor, em decorrência do significado potencial de um texto e as possibilidades de interpretação, os textos apresentam de modo geral uma ambivalência e, pela sua própria constituição, estão abertos a multifacetadas interpretações. Cabe ao intérprete atenuar essa ambivalência de sentido por meio da escolha de um determinado sentido para a interpretação.

A IDEOLOGIA E SEUS SIGNIFICADOS PARA THOMPSON E VAN DIJK

De acordo com o autor, no estudo da ideologia, em sua concepção crítica, é necessário considerar a noção de sentido e como este pode ser usado pelos indivíduos e pelos grupos aos quais pertencem, com a finalidade de estabelecer e sustentar relações de dominação. O sentido a que ele se refere é o das formas simbólicas, definidas como “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (Thompson, 2002, p. 79). Segundo o autor, os modos de operação da ideologia e as estratégias que levam ao construto simbólico demonstram como interagem o sentido e o poder, no estabelecimento e na sustentação das relações de dominação (Thompson, 2002, p. 89).

Essa abordagem coaduna-se com a presente pesquisa e é um referencial por meio do qual este tipo de estudo pode ser levado a efeito, pois apresenta uma estrutura que possibilita analisar as formas ideológicas presentes nas construções discursivas.

Na abordagem de van Dijk (1999, p. 18), as ideologias não devem ser vistas como essencialmente negativas e nem como um instrumento de dominação. Ele argumenta que em diferentes contextos há ideologias que são dominantes, mas existem também ideologias de oposição às ideologias dominantes.

AS METÁFORAS EM FAIRCLOUGH e LAKOFF & JOHNSON

Fairclough (1992a) e Lakoff & Johnson (2002) abordam em seus referenciais teóricos a construção das metáforas, que nesta pesquisa eu utilizarei para verificar e analisar, nos textos selecionados, a construção das identidades e da ideologia dos alfabetizandos.

De acordo com Fairclough (1992a, p. 103) na análise textual tem-se a apresentação de um conjunto de itens, que podem ser utilizados e cujo detalhamento destaco a seguir:

1. Vocabulário - trata das palavras individualmente e entre os exemplos temos:

- Lexicalizações alternativas – significação política e ideológica.
 - Relexicalizações
 - Sentido da palavra
 - Metáforas
2. Gramática – trata das palavras combinadas em frases e orações, podendo ser analisado o tipo de oração; o que ou quem é tópico ou tema da oração; se é usada voz ativa ou voz passiva; se há apagamento do agente da ação verbal.
 3. Coesão – trata da ligação existente entre frases e orações. O autor apresenta algumas formas pelas quais a coesão se estrutura:
 - Uso do vocabulário do mesmo campo semântico
 - Uso de sinônimos próximos
 - Uso de conjunções
 - Repetição de palavras
 - Referência
 - Substituição (pronomes, artigos definidos, demonstrativos, elipse de palavras repetidas e outros)
 4. Estrutura textual – trata das propriedades organizacionais do texto, tais como a ordem dos elementos episódicos.

Nessa perspectiva trabalharei com a categoria analítica vocabulário, considerando que qualquer escolha vocabular feita em um texto é intencional e leva a um tipo de construção ideológica, o que atende plenamente aos objetivos desta pesquisa.

Lakoff & Johnson, em *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002) destacam que, para a maioria das pessoas, a metáfora é um recurso da imaginação, um ornamento retórico e é vista de forma mais restrita à linguagem, mais uma questão de palavras do que propriamente de pensamento ou de ação. E enfatizam que, ao contrário (*op. cit.*, p. 45):

(...) a metáfora está infiltrada na nossa vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. Se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora.

Dessa forma, ao considerar que o uso de metáforas faz parte da vida cotidiana, na linguagem, no pensamento e na ação, e ainda, que constitui para os autores “uma forma de experienciar uma coisa partindo de outra”, é relevante destacar que elas são estruturadas por meio de elementos consistentes e que são formas parciais de estruturar um pensamento. Assim, podemos entender também que as metáforas são formas

peçoais de estruturar o pensamento em decorrência de que essas associações, mesmo tendo um teor cultural e geral, guardam visões peçoais.

Lakoff & Johnson (2002, p. 65) destacam as metáforas orientacionais, que se relacionam com orientação espacial:

1. feliz é para cima; triste é para baixo;
2. consciente é para cima; inconsciente é para baixo;
3. saúde e vida são para cima; doença e morte são para baixo;
4. racional é para cima; irracional é para baixo;
5. virtude é para cima; depravação é para baixo;
6. bom é para cima; mau é para baixo;
7. ter controle ou força é para cima; estar sujeito a controle ou força é para baixo;
8. mais é para cima; menos é para baixo.

É importante ressaltar que, assim como a ideologia, o sentido metafórico não é construído por acaso ou aleatoriamente. Ele está diretamente associado à experiência, está também estabelecido sobre bases sociais e, portanto, só podem ser representados partindo de uma “base experiencial” (Lakoff & Johnson, 2002, p. 68).

O CONTEXTO DE PESQUISA

Os textos utilizados na pesquisa foram produzidos nos cursos de Alfabetização de Jovens e Adultos produzidos em cursos oferecidos aos funcionários analfabetos, nas respectivas empresas em que trabalham, na cidade de Paracatu, no estado de Minas Gerais. Desde os anos 1980, as empresas (duas da área de mineração e uma da área agroindustrial) iniciaram cursos de alfabetização de jovens e adultos, por meio de iniciativas que atendem os alunos no próprio local de trabalho, em horários alternativos (no respectivo turno de trabalho ou extra-turno). Como o contingente de trabalhadores nesse setor é grande, e como a mão-de-obra necessária é imensa, a quantidade de funcionários é considerável e, quanto ao nível de escolaridade tem-se um percentual significativo de analfabetos ou de pessoas que não concluíram os estudos na faixa etária regular.

A METODOLOGIA DE PESQUISA, A COLETA DE DADOS E AS CATEGORIAS ANALÍTICAS

Partindo da importância do ato de pesquisar e da oportunidade de apresentar à sociedade os resultados da pesquisa em si, escolhi a abordagem qualitativa por considerá-la mais adequada à perspectiva deste trabalho, porque ele propõe a interpretação com base na realidade social encontrada nos textos. Bauer, Gaskell e Allum (Bauer & Gaskell, 2003, p. 18) afirmam que para compreender a problemática da pesquisa social é fundamental ver os acontecimentos sociais em sua amplitude, o que exige muitos métodos e dados, ou seja, a situação faz surgir um pluralismo metodológico em função de uma necessidade metodológica

A proposta metodológica aqui apresentada focaliza a produção textual desses alunos e analisa a questão identitária e ideológica dos alfabetizandos, em consonância com as metáforas presentes nos textos, com relação ao letramento ou à falta dele, no contexto em que sobre (vivem).

Foi feita a coleta aleatória de textos produzidos pelos alunos nas turmas de alfabetização de jovens e de adultos, objetivando a constituição de um *corpus* em consonância com as diferentes expectativas da pesquisa e da temática proposta. Foram os seguintes os textos analisados:

TEXTO Nº 1 – T1

“ Em 2003 comecei a procurar um trabalho melhor porque estava passando muita dificuldade de vida. Bati em muitas portas, mas todas elas me diziam tenho serviço mas você não tem capacidade, você não tem estudo.

Senti que para mim tinha portas abertas, mas eu não tinha como passar por elas. Então vim para a escola com muita esperança. Quando fiz o teste passei, então fiquei muito alegre porque só aí percebi que a escola fazia parte de minha vida. Sem ela eu era um zero a esquerda, não era nada não tinha capacidade para ser alguém na sociedade.

Hoje amo a escola e com ela aprendi amar a vida sou muito feliz trabalho e estudo com muita alegria, porque descobri que pulei bem a frente com muita garra e força de vontade. Já estou concluindo o 1º grau já sei trabalhar, conversar e ler e escrever e quero mais porque aprender nunca é demais e nunca é tarde para aprender.”

TEXTO Nº 2 – T2

“Quando eu entrei na escola eu achava que ia ser diferente e bom, mas a professora brigava comigo porque ela queria que com duas ensinadas eu aprendesse e eu não conseguia, o que eu mais queria era aprender fazer conta de tomar emprestado, mas eu não consegui. Aí eu desisti e fiquei muito triste quando saí porque eu queria conseguir um trabalho decente com o estudo, deixar essa vida de miséria e ser bem tratado pelos outros. Foi de tanto passar vergonha e ficar sem saber as coisas que eu resolvi estudar de novo. Agora eu já consigo escrever o meu nome e o dos meus filhos e não vou ficar com vergonha se as pessoas perguntarem se eu tenho estudo, porque antes eu calava para não ter de falar que não conseguia entender as letras. Eu saí da escuridão e vi que eu não sabia nada, agora eu sei como os outros. Eu sei que já estou velho, mas com o estudo eu posso conseguir um trabalho melhor, eu vou melhorar de vida e ter dinheiro para mim e para a minha família.”

TEXTO Nº 3 – T 3

“ O meu sonho era aprender ler e escrever, mas a pobreza não deixava eu tinha que trabalhar. Quando eu vim trabalhar aqui na Santos Reis o gerente falou que eu tinha de fazer o curso para melhorar a minha condição de não ler, que eu ia ficar atrás dos outros que sabe ler e entender e que com o tempo eu não ia agüentar ficar aqui, mas eu achava que já estava velho e cansado para trabalhar e estudar, isso era coisa para meus filhos.

Hoje eu estou vendo que estava me fazendo falta não ler e escrever, estou aprendendo aos poucos e mesmo assim estou satisfeito. Eu acho que com o estudo eu vou ganhar melhor e posso até subir de posto aqui na empresa. Se não fosse a firma eu hoje estava aí na mesma, por isso que eu defendo quando fala mal deles, o que nós plantamos não faz mal a ninguém, é comida gente, como é que alguém faz mal em plantar e colher e dar emprego?

Gosto demais daqui e o salário é bom, minha família é assistida e eu já estou velho para ficar mudando. Ganho tudo aqui e a bóia é boa o emprego é bom e não é todo trabalho que faz isso pelo funcionário ainda mais com o desemprego. Tenho de valorizar o emprego, a professora fala todo dia que eu tenho de agradecer a empresa essa ajuda e ela está certa. Obrigado a professora, o gerente e o dono, não tem como agradecer.”

Baseada em Fairclough (1992a) foi trabalhada, na análise textual, a categoria analítica vocabulário, com o objetivo de mostrar a escolha vocabular e o seu significado como um tipo de escolha ideológica, e ainda, observadas as metáforas, na concepção de Lakoff & Johnson (2002) e Fairclough (1992a).

A ANÁLISE DO CORPUS

Para Woodward (1997), o significado do conceito de identidade somente pode ser compreendido se examinarmos a maneira como as identidades são formadas e os processos envolvidos na situação. Para isso, a autora considera que é fundamental termos a noção das posições que os sujeitos, e nós, ocupamos no interior desse sistema de representação. É relevante destacar que construímos a nossa identidade, à luz da influência e da experiência do mundo social, das suas relações, das suas desigualdades e dos grupos com os quais convivemos.

Com esse contexto, corrobora a posição de Fairclough (1992a) sobre a relação entre a natureza dos processos sociais e sua representação em textos por meio da Análise de Discurso Crítica e a associação entre a prática social e a linguagem, a qual é relevante para a condução do trabalho de pesquisa aqui proposto, em que verifico as identidades estabelecidas por esses sujeitos em seus contextos de letramento, com base na linguagem utilizada pelos autores dos textos analisados.

Nessa análise, eu verifico o léxico e algumas metáforas que são usados nos diferentes textos que compõem o *corpus*, para representar a condição do letramento ou a sua ausência.

Com base nos textos selecionados e para melhor cotejamento, organizei o quadro a seguir:

TERMOS ASSOCIADOS AO LETRAMENTO

Textos	Significado positivo	Significado negativo
T1	estudo capacidade esperança alegria	dificuldade nada
T2	diferente e bom estudo	triste vergonha escuridão desisti
T3	sonho satisfeito estudo gosto ajuda valorizar	pobreza atrás desemprego

	agradecer	
--	-----------	--

No T1, o termo letramento aparece associado a: “estudo”, “capacidade”, “esperança”, alegria (no sentido positivo) e a “dificuldade”, “nada”; no T2, o termo aparece representado de forma positiva, como “diferente e bom”, “estudo”; de forma negativa, como “triste”, “vergonha”, “escuridão”, “desisti”; no T3, o termo encontra-se relacionado de forma positiva a “sonho”, “satisfeito”, “estudo”, “gosto”, “ajuda”, “valorizar” e “agradecer”, e de forma negativa a “pobreza”, “atrás” e “desemprego”.

Como a escolha do léxico é ideológica, os termos e as expressões relacionados com base na análise dos textos indicam que os valores semânticos têm uma acepção positiva, ao relacionar-se à condição da existência do letramento como uma prática social reconhecida e valorizada pela sociedade, e ainda, como princípio de valorização das pessoas que têm acesso ou fazem parte do contexto de letramento. Por sua vez, a falta do letramento ou o acesso tardio³ a essa condição implica a utilização, por parte desses sujeitos, de termos e expressões com acepção negativa, cujos significados são constituídos com base nos valores inculcados pelo grupo social dominante, com a desvalorização da condição social, intelectual e financeira desses sujeitos, repercutindo na reprodução das formas dominantes de identificação social. Dessa forma, esses sujeitos têm as suas identidades definidas pela sociedade e reproduzidas nela, pelos outros membros e por eles mesmos, de uma forma preconceituosa.

As expressões metafóricas são verificadas nos textos, quando os respectivos autores se referem ao letramento, ou à falta dele, por meio de termos ou expressões com diferentes cargas semânticas. Isso evidencia que o termo letramento ainda envolve aspectos impregnados de preconceitos e, por sua vez, a utilização de expressões metafóricas auxilia na evidência de elementos positivos e no apagamento ou suavização de elementos negativos. O uso de metáforas é assinalado por Fairclough (1992a) como um dos aspectos em que o vocabulário pode ser analisado. Lakoff & Johnson (2002) enfatizam que as metáforas, tanto quanto as ideologias, são estruturadas em lacunas e silêncios e não consideram o que é inconsistente, além de fazerem parte da vida cotidiana e estarem presentes na linguagem, no pensamento e na ação. Para os autores, elas são uma forma de “experenciar uma coisa partindo de outra”.

Nos textos analisados, algumas metáforas estão presentes, representando, de acordo com Lakoff & Johnson, as metáforas orientacionais, em que a orientação espacial pode ser associada ao *corpus* aqui analisado. No T1, um exemplo de ocorrência de metáfora é:

“...sem ela (a escola) eu era um zero à esquerda,
não era nada...” (T1)

O uso das expressões “zero à esquerda” e “não era nada”, conforme aparece no texto, associa a pessoa que não tem acesso ao letramento a alguém que não tem existência, que não tem qualquer valor ou significado ou que não é considerado pela sociedade.

³ Tardio aqui considerado apenas como fora da faixa etária regular.

Portanto, está em posição inferior, e coloca o analfabeto ou aquele que não frequentou a escola em uma posição “para baixo”. No T2, a expressão:

“... eu saí da escuridão...” (T2)

associa o sujeito iletrado a alguém que não tem visão, é cego, portanto, é alguém que tem limitações e que somente a partir do letramento consegue “enxergar”. Da mesma forma, relaciona a falta do letramento a um aspecto negativo, para baixo.

No T3, o autor usa a expressão

“... eu ia ficar atrás dos outros...” (T3)

para se referir ao fato de não ingressar no curso de alfabetização proposto pela empresa. Ele argumenta que, ao aderir à proposta da empresa, essa perspectiva mudou. Assim, o fato de não fazer parte de um contexto de letramento, mesmo que tardio, representa para essas pessoas uma associação direta com a limitação, a dificuldade, o negativo, a exclusão. As construções metafóricas representam e carregam, em suas estruturas linguísticas, todos esses significados

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No recorte da pesquisa aqui apresentada analisei, sob o referencial teórico já citado, três textos selecionados da produção textual dos alunos de turmas de alfabetização de jovens e adultos, cujos programas são desenvolvidos nos contextos caracterizados. Com base nesses textos selecionados e em consonância com a metodologia proposta, foram analisados aspectos que expressam a ideologia do poder dominante. Em sua estrutura argumentativa os textos apresentam termos e expressões que denotam as marcas discursivas neles presentes. No entendimento desses sujeitos, os aspectos ideológicos referentes à condição e às possibilidades e oportunidades dos sujeitos “iletrados” em um contexto de “letrados” já representa, para os primeiros, significados associados à sua condição social, que eles interpretam como legítimos e como inerentes à condição social. De outra forma, nessa relação social, entendem a condição do letramento como a possibilidade da mudança social e de propiciar o acesso a outra condição de vida. Nesse contexto de letramento, as práticas discursivas revelam que, na sociedade, de modo geral, as marcas ideológicas relativas ao letramento na alfabetização de jovens e adultos são reproduzidas nas diferentes relações sociais e desvelam uma concepção redutora de letramento.

As expressões metafóricas verificadas nos textos associam o termo letramento e as condições que o envolvem, seja na ocorrência, seja na ausência dele, a termos ou expressões de diferentes cargas semânticas. Isso evidencia que o termo ainda envolve aspectos impregnados de preconceitos. Por sua vez, a utilização de expressões metafóricas auxilia na evidência de elementos positivos e no apagamento ou suavização de elementos negativos.

É relevante observar que Fairclough (1992a) considera o uso de metáforas como um dos aspectos importantes para a análise do vocabulário, com o que corrobora o pensamento de Lakoff & Johnson (2002), ao enfatizar que as metáforas, tanto quanto as ideologias, são estruturadas em lacunas e silêncios e não consideram o que é inconsistente. Estão presentes na vida cotidiana, na linguagem, no pensamento e na ação. Para os autores elas são uma forma de “experienciar uma coisa partindo de outra”. De acordo com o detalhamento apresentado ao longo do trabalho, pude verificar e concluir, ante o cotejo teórico-analítico, que as escolhas lexicais e as construções metafóricas presentes no *corpus* selecionado confirmam que, nos diferentes contextos destes cursos de alfabetização de adultos, as práticas de letramento revelam, por intermédio da produção textual, as marcas da desses sujeitos, associação entre o discurso e a sua realização como prática social. Desse modo, as ideologias fazem-se presentes e permeiam a construção da identidade nos significados que constroem diante das relações de poder que são estabelecidas e sustentadas nos diferentes contextos dos cursos de alfabetização de jovens e adultos.

Em síntese, a presente pesquisa significa, para mim, uma modesta contribuição no sentido de entender um pouco mais as condições reais do letramento e dos sujeitos envolvidos nos seus diferentes contextos. Esclareço que, diante da relevância temática, há muito para refletir e para discutir acerca da alfabetização de jovens e adultos em seus diferentes contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. M. E. G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARTON, D. *Literacy: an introduction to ecology of written language*. London: Blackwell, 1994.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. *Local literacies: reading and writing in one community*. London/New York: Routledge, 2000.
- BAUER, W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and globalization*. London: Routledge, 2006.
- _____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- _____. *Critical discourse analysis*. London & New York: Longman, 1995.
- _____. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992a.
- _____. *Critical language awareness*. London: Longman, 1992b.
- _____. *Language and power*. London: Longman, 1989.
- FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Bookman, 2004.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.
- HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP e A, 2005.
- HEATH, S. B. *Ways with words: language, life and work in communities and classrooms*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

- LOPES, L. P. M.; BASTOS, L. C. (Orgs.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- LOPES, L. P. M. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- PEDRO, E. R. “Análise Crítica do Discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos.” In: _____. *Análise Crítica do Discurso. Uma perspectiva funcional e analítica*. Lisboa: Caminho, 1998.
- SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- STREET, B. (Org.). *Literacy and development: ethnographic perspectives*. London & New York: Routledge, 2001.
- _____. “The schooling of literacy”. In: _____. *Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. London: Longman, 1995.
- _____. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Van DIJK, T. A. Ideologia e sociedade. In: van DIJK, T. A. *Ideologia: uma aproximação multidisciplinária*. Barcelona: Gedisa, 1999.
- _____. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Barcelona: Piados, 1997.
- VIEIRA, J. A. Práticas sociais de letramento e ensino crítico em língua portuguesa. In: VIEIRA, J. A.; SILVA, D. E. G. da (Orgs.). *Práticas de análise do discurso*. Brasília: Plano, 2003.
- _____. As abordagens críticas e não críticas em análise de discurso. In: SILVA, D. E. G. da; VIEIRA, J. A. (Orgs.). *Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Plano, 2002.
- WOODWARD, K. (Org.). *Identity and difference: culture, media and identities*. London: Sage, 1997.

Artigos e textos coletados na Internet

- BUARQUE, C. “Décimo primeiro mandamento” In: Correio Brasiliense, 18 de fevereiro de 2004. Acesso em 05/03/2004.